

Tensões e conflitos socioculturais no “Maior São João do Mundo”

Laécio Fernandes de Oliveiraⁱ
Linduarte Pereira Rodriguesⁱⁱ

Resumo: Os conceitos de cultura e identidade são relevantes para os estudos da linguagem. Saussure (2010) concebia a linguagem como complexa em razão de sua capacidade de refletir as relações externas ao mundo e à língua. Hall (2005) concorda que falar é ativar uma teia de significados intrínsecos à língua e aos sistemas culturais e identitários que permeiam as visões de mundo nas sociedades. Diante disso, partindo da hipótese de que os sujeitos com nível de formação superior tenham maior interesse e conhecimento sobre as questões culturais, suas influências e relações com a identidade de um povo, o estudo interrogou turistas do “Maior São João do Mundo”, Campina Grande-PB, para verificar como eles “enxergam” na cidade a cultura e a identidade, aspectos evidenciados através da arte popular e das músicas que compõem o repertório do evento. Mediante um referencial teórico composto por Bauman (2012, 2013), Canclini (2005, 2009), Hall (2005) entre outros, constatou-se a percepção, pelos turistas, da necessidade de valorização da cultura local e o destaque para as músicas nordestinas. Evidenciou-se também que uma formação superior pode influenciar na ideia do conservadorismo, com a preservação do elemento cultural local em detrimento da fluidez das relações culturais e identitárias.

Palavras-chave: Heterogeneidade cultural. Identidades. Culturas híbridas. Consumo.

Sociocultural tensions and conflicts in the “World’s Largest Saint John’s Festival”

Abstract: The concepts of culture and identity are relevant for language studies. Saussure (2010) conceived language as complex because of its ability to reflect external relations to the world and language. Hall (2005) agrees that speaking is activating a set of meanings intrinsic to the language and cultural and identity systems that permeate worldviews in societies. Therefore, starting from the hypothesis that subjects with higher education have greater interest and knowledge about cultural issues, their influences and relationships with the identity of a people, the study questioned tourists from the “World’s Largest Saint John’s Festival”, Campina Grande-PB, to verify how they “see” culture and identity in the city, aspects evidenced through popular art and the songs that make up the repertoire of the event. Through a theoretical framework composed by Bauman (2012, 2013), Canclini (2005, 2009), Hall (2005) among others, it was verified the perception, by tourists, of the need to value local culture and the prominence for northeastern music. It was also evidenced that a higher education can influence the idea of conservatism, with the preservation of the local cultural element to the detriment of the fluidity of cultural and identity relations.

Keywords: Cultural heterogeneity. Identities. Hybrid cultures. Consumption.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Compartilha Igual 4.0 Internacional

DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101
EISSN 2237-0900

ⁱ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Membro do Grupo de Pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB). E-mail: lfoliveira.36@gmail.com.

ⁱⁱ Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor do Departamento de Letras e Artes (Campus I) e dos Programas de Pós-Graduação em Formação de Professores e de Literatura e interculturalidade da UEPB. Líder do Grupo de Pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB). E-mail: linduartepr@gmail.com.

PRIMEIRAS PALAVRAS

No mundo globalizado é cada vez maior o interesse sobre as questões culturais, principalmente, porque as culturas tornaram-se bens consumíveis com grande impacto no mundo econômico. Nesse sentido, tornou-se comum os grandes centros de consumo, shoppings centers, com grande variedade de produtos, estimuladores da cultura do consumismo, lembrando-nos os grandes centros comerciais do período medieval que atraíam os mais distintos povos para o comércio de produtos dos mais variados gêneros.

Este princípio econômico da globalização estimula o consumo cultural que tem se tornado um grande campo de exploração no mundo atual, conforme podemos perceber na grande proporção que ganhou os eventos culturais que exploram as culturas, com destaque para as culturas populares (locais), potencializando a discussão em torno da exploração pelo consumo de bens culturais e de uma suposta subjugação às culturas externas. Estas relações ganham mais relevância atualmente, tendo em vista que o conhecimento sobre o importante papel que a cultura desempenha na vida social tornou-se mais difundido, principalmente, quando consideramos que a cultura é fonte de saber sócio-histórico sobre a vida sociocultural e suas correlações, corroborando com uma formação intelectual mais ampla sobre a vida humana e seus complexos sistemas sociais.

Neste contexto, ressaltamos que estamos concebendo a cultura como processo em constante transformação, com características próprias que lhe são inerentes. Canclini (2009) expõe que uma das principais características da cultura contemporânea é nortear as dimensões do conhecimento, das crenças e do modo pelo qual as pessoas pensam e agem na realidade da vida social. Do exposto, destacamos que o nosso estudo de voltou para o evento de cultura popular sob o fenômeno da globalização, a festa profana/sagrada do “Maior São João do Mundo”, evento anual realizado pela cidade de Campina Grande-PB, que vem ganhando grandes proporções nas últimas edições, extrapolando as dimensões nacionais.

Nessa perspectiva, Canclini (2005, 2009), Bauman (2013) e Hall (2005) possibilitaram-nos subsídios teóricos, para pensarmos o conceito de cultura nas sociedades pós-modernas. Dessa forma, norteamos a discussão a partir dos conceitos de mundo e de sujeito (pós)modernos inseguros, frágeis, em processo de (re)definição. Um mundo polarizado entre dois eixos: o conservador e o liberal, em que a insegurança de uma sociedade que vive em redes, numa realidade transitória, não cria raízes e o momento passado torna-se desinteressante, distante para uns, enquanto a insegurança ameaçadora das incertezas torna o lugar conservador atrativo e seguro para outros.

Diante das incertezas e inseguranças, Hall (2005) afirma que o sujeito constrói sua identidade a partir das relações com outras pessoas, ou melhor, o sujeito, enquanto identidade, constrói-se na interação entre o eu e a sociedade mediada pela cultura. Em consonância, Bauman (2013) entende que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, estável, permanente, mas que ela está sempre em transformação, pois ela é definida historicamente.

Destacamos que a cultura está intrinsecamente ligada às questões linguísticas. De acordo com Saussure (2010), não somos autores do que falamos ou afirmamos, porque a língua é um sistema social e não um sistema individual. Embora Saussure tenha escolhido as relações internas à língua como objeto de estudo, ele não desconsiderou a linguagem, a qual nomeou de complexa em razão de sua capacidade de refletir as relações externas do mundo e à língua. A este respeito, concordamos com Hall (2005) e asseguramos que atuar linguisticamente não é apenas expressar nossos pensamentos, mas, também, ativar uma teia de significados intrínsecos à língua e aos sistemas culturais.

É oportuno reforçar o pensamento de Bauman (2013) de que até por volta da metade do século XX a cultura era vista como uma forma de aplicação homeostática, de condição similar, igual, que mantinha um equilíbrio com o tipo de realidade que era reproduzido monotonamente numa rotina diária. Agora, a cultura é, crescentemente, vista como uma espécie de faca pressionada contra o futuro. Trata-se de uma força que avança por novos trilhos. Ela critica as realidades instantâneas e explora os meios alternativos de estar no mundo, de modo que podemos considerá-la tanto um campo de batalha como um parque de diversões de modas em confronto. Já não é mais uma instituição com um currículo uniforme, tornou-se uma ferramenta mais de mudança do que de conservação.

A partir desta conjuntura, este trabalho apresenta uma discussão fruto de uma pesquisa exploratória, qualitativa e quantitativa que teve por base a entrevista semiestruturada a partir do instrumento questionário, composto de doze questões objetivas e subjetivas. O lugar de aplicação foi o Parque do Povo e a Vila do Artesão, na cidade de Campina Grande-PB. O público-alvo foi composto por 15 turistas (09 do sexo feminino e 06 do sexo masculino, destes, 13 com nível superior e 02 de nível médio), que estavam visitando a cidade e a festa, de caráter sagrado/profano, conhecida como o “Maior São João do Mundo”.

A escolha pelo questionário semiestruturado, como instrumento de coleta de dados, foi guiada pelo pensamento de Marconi e Lakatos (1999), que o concebem como uma ferramenta de coleta de dados constituída por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito, permitindo ao pesquisador/entrevistador a liberdade de explorar melhor o entrevistado, reformulando questões e formulando outras que possam surgir durante a entrevista. As doze

questões que compuseram o questionário foram formuladas com o intuito de atender ao objetivo da pesquisa: verificar como os turistas enxergam a cidade de Campina Grande-PB, sua população e as relações culturais estabelecidas no local, considerando as relações socioculturais na ocasião do evento do “Maior São João do Mundo”.

Para tanto, buscou-se analisar a forma como os turistas identificam o lugar, a festa e a população local; traçar um perfil do visitante: sua origem; grau de instrução/profissão; se era a primeira vez no lugar; a frequência com que costumava viajar; o motivo que levou a visitar o lugar; o meio de divulgação acessado para obter informações; como aconteceu a locomoção para chegar ao lugar e durante a estadia; e a última questão sobre a percepção dos turistas sobre a forte presença da música sertaneja na referida festa, acrescentada durante as entrevistas, haja vista ter sido motivo de comentários dos entrevistados. Nessa última questão, buscamos comprovar ou não a hipótese de que os sujeitos com nível formação universitário/acadêmico têm um maior interesse sobre as questões relacionadas à cultura e às suas relações com a identidade de um povo, bem como o conhecimento sobre cultura e sua contribuição para a construção e conservação de uma opinião sobre as relações culturais e identitárias.

Segue no próximo tópico a apresentação do referencial teórico em diálogo com a discussão dos dados coletados.

AS TENSÕES ENTRE A CULTURA LOCAL E A CULTURA NACIONAL NO “MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO”

No mundo contemporâneo, as mudanças são características do processo transitório intrínseco ao cotidiano do homem (pós)moderno. Este pensamento confunde-se com o estilo de vida que foi e é impulsionado pelo fenômeno da globalização, que se constitui por uma lógica capitalista em que nada é duradouro, tudo é mutável e tem um valor comercial. Por esse prisma, Baumam (2013) afirma que o mundo é caracterizado por uma constante aceleração, transformação, constituindo um processo nomeado pelo sociólogo de líquido. Com essa característica de mundo perene, as culturas comportam-se como elementos que fascinam os sujeitos e projetam desejos e respectivas promessas de satisfação que dificilmente efetivam-se ou promovem saciamento.

Todavia, o sociólogo afirma que o valor atribuído às práticas de consumo vem produzindo transformações nas formas de efetivação da cidadania e na construção das identidades. Como consequência, os caminhos percorridos com o intuito de alcançar as categorias ideais de cidadão e consumidor são caminhos turbulentos, de forma que os sujeitos

estariam sendo experimentados mais por seu poder de consumo, ou seja, a identidade de consumidor se sobrepõe a de cidadão. (BAUMAN, 2013).

Esta reflexão dialoga com o pensamento de Canclini (2005, p. 60), ao estabelecer que “o consumo é um conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos”. Além disso, o autor acrescenta que “o consumo é modelado por uma racionalidade macrossocial definida pelos grandes agentes econômicos” e, sobretudo, no “consumo manifesta-se, também, uma racionalidade sociopolítica interativa”.

Dessa forma, o ato de consumir estabelece-se a partir de um quadro acirrado de disputas pelos bens que a sociedade produz e pelas formas de usufruir deles. Isto leva-nos a evidenciar a tênue proximidade entre consumo e cidadania, principalmente, quando observamos o contexto político e sua influência sobre as relações econômicas, pois basta que um arranhão ocorra na imagem política para o setor econômico entrar em desequilíbrio, afetando a vida econômica e social do indivíduo. (CANCLINI, 2005). Este fenômeno é facilmente perceptível na atualidade, quando figuras políticas, com imagens questionáveis pelo setor econômico, são nomeadas para ocupar cargos com grande representatividade no mundo econômico.

Ainda, segundo o Canclini (2005, p. 62), há “aspectos simbólicos e estéticos da racionalidade consumidora [...] e da racionalidade das relações sociais que se evidenciam pela disputa em relação à apropriação dos meios de distinção simbólica e na luta pelos meios de produção”, de modo que existe uma harmonia entre os lugares em que os indivíduos, pertencentes a determinada classe ou grupo de classes, realizam atividades como alimentação, educação, habitação e passeios, e onde eles buscam informações e as transmitem aos demais membros. Logo, o autor observa que “devemos admitir que, no consumo, se constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade.” (CANCLINI, 2005, p. 63).

É neste contexto sociodiscursivo e reflexivo que situamos este trabalho, bem como, o espaço físico no qual se deu nossa pesquisa – a cidade de Campina Grande-PB e a festa do “Maior São João do Mundo” –, já considerada uma das maiores festividades nacionais tanto pelo numeroso e diverso público que reúne quanto pela duração do evento (30 dias). Há muito discute-se, em contexto local, sobre para quem a festa deveria ser realizada: se para o público local ou o foco estaria na atratividade aos turistas.

Essa divisão de opinião ocorre visto a diversidade de interesses sociais, políticos e econômicos que norteiam a organização do evento, bem como ao atendimento da diversidade do público-alvo, características que atendem às transformações culturais e identitárias que a pós-modernidade está favorecendo. Esse é um fenômeno da modernidade líquida que, segundo

Bauman (2013), não possui consistência e solidez, adequando-se aos estados líquidos, que são fluídos, mudam de aparência e transformam-se rapidamente.

A liquidez é uma constante na referida festa campinense. A cada edição a festa promove a discussão sobre uma possível falta de destaque da cultura popular/local em detrimento do elemento nacional. Embora, desde a edição de 2017, a festa tenha ganhado um diferencial que agravou a polêmica: a organização do evento passou a ser de responsabilidade da iniciativa privada em parceria com o poder municipal, coincidentemente, as atrações nacionais e os diversos estilos musicais, a exemplo do sertanejo, marcaram presença no palco principal. Esta questão potencializou a discussão sobre um possível desmerecimento dos artistas locais e, conseqüentemente, da cultura local em detrimento da cultura nacional. A polêmica esteve presente nas avaliações dos turistas entrevistados, dado que abordaremos em seguida.

O diálogo entre culturas teve início desde o período colonial, ou, para sermos mais precisos, desde que o homem entendeu que poderia desbravar o mundo, descobrindo novos continentes e novos povos. Recentemente, esse diálogo entre povos e suas culturas, foi nomeado por Canclini (1998) como um fenômeno das “Culturas Híbridas”, em que o autor considera a heterogeneidade dos países e suas diferentes culturas. Em “Culturas Híbridas”, o estudioso definiu o termo como um rompimento entre as barreiras que separam o que é tradicional e o que moderno, entre o culto, o popular e o massivo. Em outras palavras, a hibridização cultural consiste na miscigenação entre diferentes culturas, uma heterogeneidade cultural presente no cotidiano do mundo moderno.

Essa diversidade cultural pode ser constatada na cidade de Campina Grande-PB, principalmente, na ocasião do Evento do “Maior São João do Mundo”. Não só na presença de diversos estilos musicais, a exemplo do(s) forró(s), do xaxado e do baião, ritmos característicos da cultura popular local/regional, o sertanejo, suas variações, oriundo do centro sul, mas com presença forte em outras regiões do país, como o Sudeste e o próprio Nordeste e tantos outros estilos que circulam na festa. Esta diversidade vai além e se manifesta, também, através da presença de turistas oriundos de diversas regiões do país e do mundo, que chegam à “Rainha da Borborema” no período das festas juninas (durante o mês de junho), a fim de conhecer, consumir, principalmente a cultura paraibana/nordestina.

Na tabela 1, podemos observar os perfis dos entrevistados.

Tabela 1 – Perfil sociocultural dos entrevistados

País/Cidade origem	Grau de instrução	Profissão	1ª Vez na cidade	Motivo da visita	Sexo	Quantidade Entrevistados
Brasília	superior	02Arquitetos 01Assistente social 01 Servidor Federal 01Auditor interno	Mais de três vezes	Visitar familiares e conhecer o São João	03M 02F	05
Rio de janeiro/Niterói	03superior 01 médio	01Administrador 01Professora/geógrafa 01Nutricionista 01Aquaviário	1ª vez	Conhecer o São João, lugar e pessoas	02M 02F	04
São Paulo	01superior 01médio	01Pedagoga 01Atendente	Mais de três vezes	Familiares e São João	F	02
São Luiz/Maranhão	superior	01 Servidora Federal	1ª vez	Conhecer o São João	F	01
Salvador/Bahia	superior	01Terapeuta ocupacional	1ª vez	Conhecer o São João	F	01
Belém/Pará	superior	01 Pedagoga	1ª vez	Conhecer a cidade	F	01
Nova Zelândia	superior	01 Professor/inglês	1ª vez	Conhecer o São João	M	01
Total	-	-	-	-	-	15

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

De acordo com a tabela, percebemos que há uma heterogeneidade cultural presente no evento. Sujeitos oriundos de várias regiões do país e do mundo, representantes de culturas diversas que viajam pelo país, pelo mundo, com o objetivo de consumir produtos culturais (culturas), caracterizando o perfil das sociedades (pós)modernas, como mencionado por Canclini (1998). Como também expressa o processo de mundo global em desenvolvimento como uma marca condicional do hibridismo cultural.

Em relação ao acesso ao lugar, a cidade do “Maior São João do Mundo”, todos os entrevistados mencionaram que usaram os meios de transporte: o avião e o ônibus. Já para o deslocamento, durante a estadia na cidade, em sua maioria, os entrevistados relataram que ocorreu por meio da locação de carro. Uma pequena parcela estava em excursão e como é característico deste tipo de organização de viagem turística, foi usado o transporte coletivo. Ao serem questionados sobre a acessibilidade à cidade e ao local da festa, eles mencionaram que o acesso à cidade é muito bom e tranquilo. Informaram que, aparentemente, a cidade era bem servida de transportes públicos, mas não poderiam ser mais específicos já que não usaram. Entretanto, destacamos a exceção de dois turistas. Uma turista de São Luiz do Maranhão, servidora federal, hospedada no centro da cidade, que estava utilizando o transporte público, e que criticou: “não são muito bons, estou encontrando dificuldade em retornar ao hotel, falta

informação e precisaria ter mais ônibus, com mais frequência”. O segundo, um arquiteto de Brasília, também criticou a falta de informação sobre horários e frequência dos ônibus. Como podemos perceber, os turistas visitam a cidade e interagem com ela, deixam suas marcas, propagam sua forma de pensar, seus gostos, preferências e necessidades, interferindo no modo de vida local que busca se adaptar às exigências e às preferências do outro.

No tocante às relações socioculturais estabelecidas nesse contexto global, Oliveira e Rodrigues (2022) advertem que:

As complexas relações do mundo global levam-nos a pensar o espaço/território geográfico numa perspectiva crítico-política ou geopolítica, como meio social de atuação do homem, que passa a refletir nas materialidades discursivas suas relações/tensões socioculturais, entre os eixos – nacionais e internacionais – e seus interesses. Outrossim, pensar os lugares (ser brasileiro e/ou ser estrangeiro) e as posições aí ocupadas. A linguagem, na perspectiva das línguas naturais e enquanto instância sociopolítica de constituição e atuação do homem no mundo, apresenta-se como lugar de visualização e análise dessas relações. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2022, p. 15).

Essas relações também são propícias à reflexão do elemento local/regional em tensão com o nacional numa perspectiva do território fragmentado e como este é afetado pelos interesses sociopolíticos, econômicos. Logo,

O território são formas, mas o território usado são formas e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez, posta a serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado temos a fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez, e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas. (SANTOS, 1998, p. 16).

Para o geógrafo, o mundo globalizado passou a funcionar a partir de uma estrutura moderna, em que as horizontalidades estão para vizinhanças, lugares interligados pelas proximidades territoriais; já as verticalidades estão para todos os pontos distantes uns dos outros, interligados pelas diversas relações ou processos sociais que nos conduzem à noção de redes, justificando a noção de verticalidade. (SANTOS, 1998). A noção de rede em voga no mundo contemporâneo conecta as pessoas das mais diversas formas, as pessoas aos lugares. Como pudemos perceber em nosso estudo, na relação que os turistas entrevistados estabeleceram com a cultura da cidade de Campina Grande/PB e com os sujeitos locais.

Neste sentido, os turistas entrevistados afirmaram retornar aos seus lares com uma ótima impressão sobre os campinenses, pessoas agradáveis, simpáticas, receptivas e educadas, diferentemente de outros lugares, descreveu a servidora federal de São Luiz do Maranhão: “perguntei a um rapaz campinense como chegaria à Vila do Artesão e ele quase levou-me até o local, impressionou-me a gentileza”. Segundo a turista, esta gentileza nem sempre é comum às cidades que organizam eventos culturais e recebem muitos turistas. Fica evidente a partir da avaliação da turista como ela se conecta com o local e com as pessoas a partir da cultura da gentileza, em que o outro – que é exterior ao local – deixa de ser estranho e é recebido, acolhido, refletindo uma dialética dinâmica das relações socioculturais e territoriais expressada nas falas dos turistas a seguir.

O professor de geografia, servidor federal de Brasília, falou que ficou impressionado como a cidade é organizada e limpa: “muito diferente do que imaginava serem as cidades do nordeste, sujas e desorganizadas”. O arquiteto de Brasília acrescenta: “a cidade é muito agradável, bem localizada, bem planejada, de clima ótimo”. Majoritariamente, eles elogiaram o bom nível cultural da cidade e os lugares: Vila do Artesão, no Bairro São José; o Sítio São João; e o Trem do Forró. Lugares que possibilitaram um contato singular com a cultura nordestina, com traços culturais específicos do povo local. Este pensamento reforça a ideia de que o turista visita os lugares com objetivo de conhecer e apreender sobre as culturas locais. O consumo é o elemento em voga e ele pode ser elemento de reflexão das relações socioculturais. (CANCLINI, 2005).

No tocante à festa do “Maior São do Mundo”, concentrada no Parque do Povo, houve uma forte crítica à pouca exposição da cultura local (música, danças e comidas típicas), assim como a forte presença da música sertaneja na festa, na opinião do Aquaviário de Niterói-RJ. Para ele, “é ótimo para o comércio, mas ofusca o forró local”. Opinião compartilhada pelo auditor interno, residente em Brasília: “gosto da cultura local, quadrilhas, trios de forró, mas não vi tanto, esperava encontrar mais exposição, mais divulgação, acho que isso precisa melhorar”. O mesmo pensamento tem a servidora federal de São Luiz do Maranhão que afirmou: “esperava mais animação, só vi uma quadrilha junina, os shows são muito tarde, deveria haver mais exposição da cultura típica local, quadrilhas, danças típicas, afinal São João é isso”. Ela acrescentou: “o campinense precisa visitar o Maranhão e aprender com a gente a fazer festa popular, lá é o boi, os vários bois que reinam na festa, não existe essa de dar espaço à cultura externa, nada de música sertaneja. Em São Luiz/Maranhão, exportamos cultura para a Europa e isso só ocorre porque damos a devida importância às nossas raízes culturais, sabemos de seu valor para nosso povo”. A turista parece desconhecer como o Forró Nordestino ganhou

expressivo destaque, que Luiz Gonzaga, assim como Elba Ramalho, e tantos outros artistas regionais são conhecidos mundialmente. Além disso, parece não ser de seu conhecimento a característica multifacetada da cultura, seu movimento dinâmico e a fluente hibridização que, naturalmente, imprime a cada espaço cultural uma singularidade. (BAUMAN, 2013).

Outro turista, o arquiteto de Brasília reforça o anseio pelo consumo, embora sua opinião também caminhe com viés crítico ao apelo do consumo global: “nós turistas queremos ver cultura local, muitas quadrilhas, participar da festa”. Ele sugere: “Quem sabe oficinas que ensinem como dançar quadrilha junina para o visitante no parque do povo. Queremos ouvir Luiz Gonzaga, queremos encontrar uma festa com aspecto familiar, onde está isso? O que temos é um grande evento para atender aos critérios capitalistas globais”.

A pedagoga de Belém do Pará, afirma que com a globalização estamos perdendo muitos dos elementos regionais. Para ele, há um grande confronto, percebemos isso aqui em Campina Grande/PB. De modo semelhante, o Aquaviário, de nível médio, do Rio de Janeiro, que costuma viajar com frequência, contribui afirmando que “a festa já não tem mais tantas características do São João, está perdendo a identidade, mas há o comércio que precisa ser atendido, é muito ‘fast food’ e falta interesse pelo local”.

É possível perceber uma tendência conservadora dos turistas entrevistados, principalmente os que possuem formação universitária, que parecem desconhecer a característica plural da cultura e seus diálogos e hibridismos, suas continuidades e descontinuidades, sua constante mudança. Conforme nos alerta Bauman (2012), a existência de uma origem cultural é constantemente alimentada por outros elementos que compõem sua matriz.

Esse temor e conservadorismo parecem não preocupar a Atendente de nível médio de São Paulo, que não tem o hábito de viajar e afirma que a festa “é ótima, a forte presença da música sertaneja na festa, não vejo nada demais nisso, adoro os cantor sertanejo [sic]”. A fala da Atendente denuncia sua preferência pela cultura da música sertaneja muito propaga na Regiões Sudeste e Centro-Oeste, onde a atendente vive, possivelmente pela forte influência midiática nacional haja uma tendência de sobreposição à cultura local aos olhos da atendente.

Embora em nossas entrevistas só tenhamos dois perfis com nível médio, o que se mostra inconsistente para uma reflexão a respeito de possíveis prejuízos ocasionados pela falta de formação universitária/acadêmica para a formação de uma opinião sobre o conceito de cultura e suas relações com a identidade de um povo, podemos perceber, principalmente na fala da atendente comercial, uma tendência à fragilidade do elemento cultural conservador quando comparado com os demais entrevistados. Aqueles com formação universitária manifestaram

uma tendência ao conservadorismo do elemento cultural local, comprovando a hipótese da pesquisa de uma possível determinação na forma de pensar e manifestar opinião sobre questões culturais e identitárias, no sentido da preservação de traços característicos da cultura de um povo. Mesmo que as tensões ocasionadas pela pressão do elemento externo sobre o local tenham sido evidenciadas pelos entrevistados com nível universitário, eles parecem ignorar o dinamismo das culturas, sua essência híbrida e sua capacidade de autopreservação. (BAUMAN, 2012).

Entretanto, ao analisar a fala do Aquaviário, que não possui nível universitário, percebemos um bom nível de conhecimento sobre as questões culturais e facilidade em se expressar, o que se dá possivelmente pelo fato dele ter relatado viajar habitualmente e ter contato com culturas e pessoas diversas, situação que possibilita o desenvolvimento da sua visão de/sobre o mundo, suas culturas e suas diversas relações. Isto demonstra que a interação com diferentes culturas, sociedades distintas, pode ser uma forma de adquirir conhecimento e se desenvolver cultural e intelectualmente. Esta evidência contribui com a reflexão realizada por Oliveira e Rodrigues (2019, 2022) ao advertirem que linguagem e cultura são estruturas universais condicionadas ao humano. A linguagem com geradora de signos que, por meios das práticas sociais, condiciona a cultura e através de um movimento multidirecional é produto do homem ao mesmo tempo o produz.

Parece-nos oportuno evidenciar que a cultura local no âmbito global capitalista é relegada ao segundo plano, uma vez que o atendimento de uma lógica de mercado torna-se emergente como evidenciou-se nas falas dos entrevistados sobre a festa do “Maior São João do Mundo”, em que as grandes atrações, com destaque nacional, têm seu lugar garantido em vista do público consumidor. Essa é uma lógica global que se sobrepõe às questões mais específicas do território como efeito da globalização que fragiliza cada vez mais o Estado Nação em decorrência do poder econômico nacional/mundial. (BAUMAN, 2013).

Se tornou perceptível, também, o movimento de deslocamento do local em adaptar-se ao externo, buscando a preservação do que lhe é característico, singular. Sobre essa adaptação às novas tendências globais de um estado ideológico, criado pelo mercado, Santos (1998) afirma que ele estimula um imaginário coletivo de mercado das coisas, até mesmo da natureza, ideias, ciência, informação e da política, sustentando-se numa democracia de mercado do neoliberalismo que se pauta num ideal de território compartilhado. A cidade de Campina Grande-PB, principalmente, durante o mês de junho, fica minada de pontos que expõem a cultura local: comida típica, artesanato, música, moda e tantos outros elementos culturais que passam a atender a esse estado ideológico de mercado e território compartilhado, onde a

representação e resistência singular do elemento local em se metamorfosear e se misturar ao elemento externo passa a caracterizar o dinamismo e o hibridismo cultural.

Seguem algumas considerações a respeito do estudo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo contemporâneo globalizado, faz-se importante a discussão entorno do diálogo entre culturas e seus hibridismos relacionada ao fenômeno da globalização, considerando que as relações globais não são um fenômeno da atualidade, mas que elas se estabeleceram desde o momento que o homem iniciou seu deslocamento pelo mundo e teve início as trocas culturais, desde então elas são constantes e se tornam mais dinâmicas (CANCLINI, 1998). Mas, também, é de igual importância refletir sobre a relação entre cultura e consumo, relacionando à “cultura da moda”, e como não só as mercadorias e suas aquisições, mas a própria identidade dos sujeitos é “convidada” (para não dizer compelida) a, sistematicamente, se ajustar às mutações das tendências do agora (BAUMAN, 2013).

Bauman (2013) trata esse fenômeno como um modelo de identidade a ser seguido e almejado como “camaleão”, justamente por instar uma incondicional “aptidão ao câmbio”. Para consegui-lo, os indivíduos, novamente, podem contar com a valiosa ajuda dos diferentes produtos disponíveis nas várias prateleiras dos diversos pontos soberanos de consumo. Essas relações puderam ser mais percebidas durante este trabalho, quando as evidenciamos a partir da festa do “Maior São João do Mundo” que, com suas reformulações, busca atender aos desígnios do mercado global e seus apelos capitalista, suprimindo questões socioculturais locais, promovendo resistências e adaptações por parte das forças locais em busca da adaptação às circunstâncias mercadológicas que lhes são impostas para preservar o que lhe é ímpar.

Como exemplo desse efeito camaleão instado por Bauman (2013), referenciamos os estilos da cultura musical local que, estrategicamente, divide-se em pontos nomeados de ilhas do forró dentro da festa, como forma de se manter presente no evento, tendo em vista que o espaço que lhe é destinado no palco principal é ínfimo. Relação semelhante é percebida quanto às comidas locais e regionais com pouca visibilidade dentro da festa em detrimento às comidas que não são locais ou regionais como os *fast foods* que são a grande maioria. Consideramos que esse dinamismo é próprio das diversas culturas e seus aspectos sociais, políticos, econômicos, exigindo um olhar mais atento dos sujeitos. Quando essa percepção não acontece, como os nossos dados evidenciaram, o elemento conservador predomina, no tocante a necessidade de preservação da cultura local.

Destacamos, também, o consumo dos bens culturais enquanto produtos, uma vez que os entrevistados sugeriram à organização da festa rever a falta de pontos atrativos para os turistas, com maior exposição da cultura local, desde danças, a exemplo de oficinas de quadrilha junina, comidas típicas e entretenimento explorando a diversidade da cultura local. Concluímos que os turistas enxergam a cidade como espaço/território aberto ao consumo e a sua população como uma peça que é parte dessa cultura do consumismo, à mercê das regras das relações cordiais de quem se propõe a ser anfitrião.

Dessa forma, a festa mostra-se como um evento que expõe uma dialética entre a cultura local e a cultura do outro (turista), em que as relações entre sujeitos e sociedade possibilitam (re)construir as identidades mediadas pela cultura (HALL, 2005), onde é possível visualizar as relações multiculturais e seus hibridismos. De modo que o evento do “Maior São João do Mundo” configura-se como espaço de intensas relações multiculturais, propenso à pesquisa e à investigação científica por diversas áreas do conhecimento. No mais, esperamos com este estudo incentivar o desenvolvimento de outras pesquisas que relacionem as culturas e as identidades com as formas de vida nas cidades e de atuação do homem no mundo globalizado.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *A cultura no mundo líquido moderno*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2013.

BAUMAN, Z. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

CANCLINI, N. G. O consumo serve para pensar. In: CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Tradução: Mauricio Santana Dias. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005.

CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução: Mauricio Santana Dias. São Paulo: Gedisa, 2009.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Métodos e instrumentos de pesquisas*. São Paulo. Editora Ática. 1999.

OLIVEIRA, L. F. de; RODRIGUES, L. P. A leitura nas culturas híbridas: ação de linguagem e multimodalidade. In: LENDL, A.; SOUZA, F. M. de. (org.). *Ensino de línguas na*

contemporaneidade: multimodalidade e tecnologias digitais. São Paulo: Mentis Abertas, 2019. p. 33-50.

OLIVEIRA, L. F.; RODRIGUES, L. P. “Amazônia”: entre semantismos da cultura local e da cultura global. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-32, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em: 19 dez. 2022. doi: <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v15i2.16755>.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M. et al. (org.). *Território, globalização e fragmentação*. Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa de Planejamento Urbano e Regional. 4. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 32. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.